

TRATADO DA PARASHÁ TERUMAH – תרומה (PRESENTE)

O Modelo do Mishcan Terrestre, o Tabernáculo Celestial e o Sacerdócio Perpétuo no Calendário Solar Zadokita

MORÉ AZARIAS BEN ELYAHU

Data do Calendário Solar Zadokita: 17 de Av de 5786 (Calendário Solar 9 de Av 17 5786)

Torá: Shemot / Êxodo 25:1 a 27:19 [cite: 1]

Haftará: 1 Melachim / 1 Reis 5:12 a 6:13

Ketuvim Netzarim: Matityahu / Mateus 5:33 a 37 | **Tehilim:** Salmo 26

Ketuvim Bayt Sheni: Yovlim / Jubileus 3:9-14; 8:19; 1:1-4; 31-32; Testamento de Levi 8-9

INTRODUÇÃO AO TRATADO DA PARASHÁ TERUMAH

A porção da Torá denominada Terumah (תרומה - Oferta Elevação ou Presente) marca uma transição profunda na jornada do povo de Israel no deserto [cite: 1]. Após a revelação majestosa dos Dez Mandamentos em Yitro e o estabelecimento das leis civis em Mishpatim, YHWH ordena a edificação de um santuário sagrado no meio da comunidade [cite: 1, 2]. O termo Terumah refere-se a uma contribuição voluntária alçada do coração de cada indivíduo cujos sentimentos fossem movidos por uma devoção genuína e sincera [cite: 1, 2]. Essa coleta de materiais nobres — como ouro, prata, bronze e tecidos multicoloridos — não visava suprir uma necessidade material de Elohim, mas prover a estrutura para a habitação da Shechiná entre as doze tribos [cite: 1, 2]. O Mishcan torna-se o ponto de convergência cósmico entre a transcendência do Criador e a finitude de Seu povo redimido [cite: 1, 2].

A ordem para a construção do Tabernáculo obedece a um padrão cósmico rigoroso revelado diretamente a Moshe no topo do Monte Sinai [cite: 1, 2]. A Torá enfatiza com vigor exegético a frase: "Conforme a tudo o que eu te mostrar, segundo o modelo do Tabernáculo e o modelo de todos os seus utensílios, assim mesmo o fareis". Este modelo (Tavnit) indica claramente que o Mishcan erigido no deserto era uma cópia física e uma representação miniaturizada da realidade celestial preexistente. Ao estudarmos as fontes do Segundo Templo, como o Livro dos Jubileus e o Testamento de Levi, compreendemos que o santuário terrestre refletia as divisões do próprio trono de Elohim. Assim, o estudo de Terumah desvela o mapa do cosmos e as etapas da aproximação do homem temente ao Criador supremo [cite: 1].

Neste tratado da Sociedade Israelita das Sendas Antigas (SISAEN), investigamos minuciosamente o simbolismo e as dimensões espirituais dos utensílios sagrados e das cortinas do Mishcan [cite: 1]. Analisaremos a Arca da Aliança (Aron HaKodesh), a Mesa dos Pães da Proposição (Shulchan) e a Menorá de ouro puro, estabelecendo suas correspondências angelicais [cite: 1]. Paralelamente, delinearemos a geografia celestial conforme revelada aos patriarcas Levi e Enoque, relacionando os pátios terrenos com a estrutura dos 24 anciãos, dos 144 mil israelitas e da Grande Multidão [cite: 1, 2]. Esta exegese profundíssima desmistifica o papel do Templo e reafirma o sacerdócio perpétuo e celestial sob o Calendário Solar Zadokita em plena vigência.

Compreender o Mishcan sob a ótica da Aliança Renovada exige reconhecer a centralidade de Yeshua como o Kohen HaGadol (Sumo Sacerdote) perfeito que atua no Tabernáculo celestial [cite: 1]. O rasgar do véu histórico durante a sua morte expiatória abriu o acesso direto ao sangue da Aliança, mas não aboliu o ciclo eterno de Yom Kippur nem os mandamentos estipulados na Torá. Neste estudo, o leitor é convidado a contemplar a perfeição das instruções divinas e a responder ao chamado de trazer uma oferta voluntária de vida santificada a YHWH. Que o ensino da Parashá

Terumah ilumine os corações dos fiéis que guardam os mandamentos de Elohim e mantêm o testemunho inabalável de Yeshua nosso Redentor [cite: 1].

1. O TABERNÁCULO TERRESTRE E O TABERNÁCULO CELESTIAL EM JUBILEUS E TESTAMENTO DE LEVI

A arquitetura e os padrões do Mishcan terreno descritos em Êxodo 25 a 27 não foram idealizados por sabedoria humana, mas constituem um reflexo exato do Tabernáculo celestial [cite: 1, 2, 3, 4, 5, 6]. O Livro dos Jubileus (3:9-14; 8:19) e o Testamento de Levi (capítulos 8 e 9) detalham que a criação do cosmos foi estruturada em divisões de santidade correspondentes ao Templo. Jubileus revela que o Jardim do Éden e o Monte Sinai foram preparados pelo Altíssimo como lugares de extrema santidade correspondentes ao Santo dos Santos e ao Lugar Santo. Quando Moshe subiu ao monte durante quarenta dias, foram-lhe mostradas as tábuas celestes e o protótipo arquetípico do santuário onde os anjos da presença ministram continuamente perante Elohim [cite: 1, 2].

No Testamento de Levi, a visão do patriarca é levada através dos céus sobrepostos até contemplar a habitação do Altíssimo e a estrutura do sacerdócio angelical. Levi presencia o oitavo céu e recebe as vestes sagradas e o óleo da unção pelas mãos dos anjos superiores, sendo investido no sacerdócio perpétuo que prefigurava a ordem zadoquita. As dimensões e as divisões do Mishcan terreno replicam fielmente os níveis da glória divina, onde as cortinas de linho e as bases de prata representam as firmezas cósmicas que sustentam a criação. O santuário de madeira de acácia e revestimento de ouro operava como uma estação de convergência para que o trono invisível de YHWH tivesse uma manifestação tangível entre os filhos de Israel [cite: 1].

A correspondência entre a liturgia terrena e o serviço celestial estabelece que nenhuma cerimônia do Mishcan ocorria de forma isolada, mas em perfeita sincronia com a adoração angélica. Quando o Kohen HaGadol acendia as lâmpadas da Menorá ou queimava o incenso perfumado no altar de ouro, executava um ato que espelhava o serviço das ordens dos arcanjos nos céus. Jubileus 31 e 32 reafirma que a bênção sacerdotal conferida por Yitzchak a Levi selou a perpetuidade dessa ordem litúrgica vinculada aos ciclos do Calendário Solar de 364 dias. A dessincronização calendárica promovida por tradições humanas rompe essa harmonia com o santuário superior, tornando imprescindível o retorno aos padrões bíblicos zadoquitas [cite: 1].

A exegese comparativa entre Shemot, Jubileus e o Testamento de Levi demonstra que a terra de Israel e o Tabernáculo são o micro cosmos da habitação de Elohim no universo. O santuário terrestre servia como um canal de proteção espiritual e purificação para a nação, neutralizando as forças da contaminação e do erro. O rigor na escolha dos materiais, a precisão nas medidas das cortinas e o encaixe perfeito das tábuas sobre as bases de prata refletiam a ordem física e moral do cosmos. Quem negligencia a estrutura revelada da Torá ignora a própria mecânica da redenção e da santificação estabelecida pelo Criador para a humanidade [cite: 1].

Em suma, o Tabernáculo terrestre é uma réplica intencional e misericordiosa do Tabernáculo verdadeiro erigido por YHWH e não por mãos humanas. As visões dos patriarcas confirmam que o serviço sacerdotal terrestre sempre dependeu do alinhamento com a realidade espiritual dos céus. Através deste entendimento, a casa de Israel aprende a contemplar a beleza e a solenidade do culto divino, reconhecendo que cada detalhe das cortinas e utensílios carrega um peso eterno de glória. O Mishcan é o convite perpétuo de YHWH para que o homem viva na presença do Seu trono glorioso com pureza e temor reverente [cite: 1].

2. A GEOGRAFIA DA GLÓRIA: LUGAR SANTÍSSIMO, LUGAR SANTO E OS PÁTIOS CELESTIAIS

A topografia do Mishcan e posteriormente do Templo em Jerusalém estabelecia um gradiente de santidade que atingia o seu ápice no Kodesh HaKodashim (Lugar Santíssimo). Este ambiente intocável, onde repousava a Arca da Aliança sob a sombra dos querubins, representa o local inacessível onde Elohim habita em luz inacessível [cite: 1]. No tabernáculo celestial, o Lugar Santíssimo é a morada suprema do Pai, o trono de YHWH a partir do qual emanam as diretrizes e os decretos do universo. Ninguém podia penetrar neste recinto no plano terreno, exceto o Kohen HaGadol uma vez por ano, demonstrando a distância moral e ontológica entre o Criador e a criação decaída [cite: 1].

O Kodesh (Lugar Santo), situado logo após o véu, abriga a Menorá, a Mesa dos Pães da Proposição e o Altar de Incenso, representando o recinto onde o Messias atua como Sumo Sacerdote [cite: 1]. Conforme a profecia do Salmo 110:1: "Disse YHWH ao meu Adonai: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés". Para exercer a mediação sacerdotal perante a criação e interceder pelos escolhidos, YHWH precisa descer um degrau à Sua direita no âmbito do Lugar Santo celestial. Ali, Yeshua ministra continuamente em prol da congregação dos santos, apresentando a virtude do Seu sangue e a oração dos fiéis como incenso agradável ao Pai [cite: 1].

A divisão do pátio do Templo terreno em compartimentos específicos refletia com exatidão a hierarquia e as divisões das multidões registradas no Livro de Apocalipse [cite: 1]. O Pátio dos Sacerdotes, onde se localizavam o Altar de Bronze e o Lavatório (Kior), corresponde no plano celestial ao recinto dos 24 Anciãos e das ordens angélicas. Estes 24 anciãos assentados ao redor do trono de Elohim representam os 24 turnos sacerdotais (Mishmarot) estabelecidos na Torá e continuados nos escritos de Qumran para o serviço perpétuo. Eles executam a liturgia celeste e apresentam as taças de ouro cheias de incenso que são as orações dos santos perante o Altar de Ouro [cite: 1].

O Pátio dos Israelitas, reservado aos membros puros das doze tribos para a apresentação dos seus sacrifícios, prefigura no santuário celestial o pátio dos 144 mil assinalados de Apocalipse 7, 14 e 15. Estes 144 mil representam os remanescentes fiéis das doze tribos de Israel que guardam os mandamentos de Elohim e possuem o selo do Nome sagrado em suas testas. Por sua vez, o Pátio das Nações (ou Pátio Externo), o ambiente mais amplo do Templo terreno, representa na arquitetura celestial o espaço da Grande Multidão descrita em Apocalipse 7:9. Esta multidão inumerável de todas as nações, tribos e línguas rende adoração diante do trono trajando vestes brancas e empunhando palmas [cite: 1].

Esta harmonização exegética revela que o plano do Mishcan abrange toda a estrutura da comunidade redimida nos céus e na terra [cite: 1]. Cada setor do pátio cumpre o seu papel no serviço litúrgico do universo, mantendo a ordem e a santidade diante do Criador [cite: 1]. O templo físico de Jerusalém funcionava como uma maquete viva da realidade espiritual que se desenrola nos céus em torno do Trono de YHWH [cite: 1, 2]. Ao compreender a geografia da glória, o crente reconhece a sua posição no corpo da aliança e a solenidade do culto a que foi chamado através do Sacerdócio de Yeshua [cite: 1].

GRÁFICO COMPARATIVO DA ESTRUTURA DO TABERNÁCULO (TERRESTRE VS. CELESTE)

DIVISÃO DO SANTUÁRIO	SANTUÁRIO TERRESTRE (MISHCAN / TEMPLO)	SANTUÁRIO CELESTIAL (JUBILEUS / TEST. LEVI / APOCALIPSE)
Lugar Santíssimo (Kodesh HaKodashim)	Arca da Aliança, Propiciatório (Kapporet), Querubins de Ouro. Habitação da Shechiná [cite: 1].	Trono Supremo de YHWH. A habitação da Glória inacessível do Pai celestial [cite: 1].
Lugar Santo (Kodesh)	Menorá de Ouro, Mesa dos Pães da Proposição, Altar de Incenso [cite: 1].	Posição à direita de YHWH (Salmo 110:1). Ministério de Yeshua como Kohen HaGadol [cite: 1].
Pátio dos Sacerdotes	Altar de Bronze para holocaustos, Lavatório (Kior) para purificação [cite: 1].	Recinto dos 24 Anciãos (representando os 24 Turnos Sacerdotais) e Ordens Angelicais [cite: 1].
Pátio dos Israelitas	Espaço para os membros puros das 12 Tribos de Israel apresentarem ofertas [cite: 1].	Pátio dos 144 mil Israelitas selados de todas as tribos (Apocalipse 7, 14 e 15) [cite: 1].
Pátio das Nações / Externo	Área ampla externa para os tementes a Elohim provenientes dos povos [cite: 1].	Pátio da Grande Multidão inumerável de todas as nações, tribos e línguas (Apocalipse 7:9) [cite: 1].

3. OS UTENSÍLIOS SAGRADOS E O RITO DO VÉU RASGADO

Cada utensílio ordenado em Terumah possui uma riqueza simbólica e uma função espiritual específica na dinâmica do Tabernáculo [cite: 1]. A Arca da Aliança (Aron HaKodesh), construída em madeira de acácia revestida interior e exteriormente de ouro puro, abrigava as Tábuas do Testemunho, o pote de maná e a vara de Aharon [cite: 1]. Sobre a Arca posicionava-se o Propiciatório (Kapporet), uma peça maciça de ouro com dois querubins de asas estendidas voltados um para o outro [cite: 1]. Era do meio dos dois querubins, acima da tampa da Arca, que a voz de YHWH falava com Moshe, simbolizando o trono de misericórdia fundado sobre a justiça e a verdade da lei [cite: 1].

A Mesa dos Pães da Proposição (Shulchan), igualmente feita de acácia e revestida de ouro, sustentava doze pães sagrados organizados em duas fileiras, trocados a cada Shabat [cite: 1]. Estes pães representavam a provisão perpétua e a comunhão ininterrupta entre YHWH e as doze tribos de Israel no seio da aliança [cite: 1]. A Menorá, lavrada a martelo em um único bloco de ouro puro com sete braços ornados de botões, flores e cálices em forma de amêndoa, fornecia a luz do Lugar Santo [cite: 1]. A iluminação azeitada da Menorá simbolizava a sabedoria e a luz do Espírito Santo que guia a assembleia dos santos longe da escuridão do pecado e da ignorância [cite: 1].

O Parochet (o Véu divisório) era uma cortina tecida em linho fino retorcido e fios de azul, púrpura e carmesim com bordados de querubins [cite: 1]. Sua função era separar rigorosamente o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, impedindo a entrada de qualquer homem não autorizado sob pena de morte iminente [cite: 1]. Na Aliança Renovada, a morte de Yeshua no moinho de sacrifício foi acompanhada pelo rasgar miraculoso do Parochet do Templo de alto a baixo. Este evento demonstrou que o sangue de Yeshua foi plenamente suficiente para remover a barreira do pecado e franquear o acesso direto dos remidos ao trono da graça [cite: 1].

Contudo, o rasgar do véu não significou o fim do santuário nem a anulação do sacerdócio, mas a elevação da liturgia ao plano das realidades celestiais [cite: 1]. O sacrifício de Yeshua não eliminou a santidade dos recintos divinos, mas purificou os próprios padrões celestes com um sangue superior ao de touros e bodes [cite: 1]. O livre acesso concedido ao crente ocorre em espírito e fé mediante a observância da instrução da Torá e a purificação da consciência. O sangue

do Messias abriu o caminho vivo, mas exige que aqueles que se aproximam do Altar celestial o façam com vestes limpas e mãos puras [cite: 1].

Em suma, os utensílios do Mishcan permanecem como lições teológicas vivas sobre a comunhão, a provisão e o culto ao Criador [cite: 1]. A Arca, a Mesa e a Menorá apontam para as realidades eternas que continuam em plena atividade no Tabernáculo celestial [cite: 1]. O sangue de Yeshua, ao rasgar o véu, estabeleceu o novo e vivo caminho sem destruir a estrutura do sacerdócio eterno decretada por YHWH [cite: 1]. Assim, a assembleia dos fiéis contempla com reverência o mistério do santuário e rende graças ao Redentor pela suficiência do Seu sacrifício perfeito [cite: 1].

4. A PERPETUIDADE DE YOM KIPPUR E O SACERDÓCIO CELESTIAL EM LEVÍTICO E JUBILEUS

De acordo com os preceitos perpétuos consignados em Levítico 16 e 23, o Kohen HaGadol tem o dever estrito de entrar no Kodesh HaKodashim uma vez por ano no dia de Yom Kippur. A Torá declara expressamente que esta instrução é um "estatuto perpétuo" (Chukat Olam) para todas as gerações de Israel, destinado a fazer expiação pelos sacerdotes e pela congregação [cite: 1]. No Livro dos Jubileus (34:18-19), confirma-se que a celebração do Dia da Expição foi ordenada nas tábuas celestes para ser observada para sempre com jejum, aflição de alma e purificação dos pecados. Nenhuma tradição humana possui autoridade para revogar uma lei que foi selada na própria estrutura do tempo criacional [cite: 1].

A Carta aos Hebreus, ao afirmar que Yeshua entrou "uma vez por todas" no santuário celestial, utiliza uma figura de linguagem referente ao sacrifício de sangue [cite: 1]. O texto bíblico ensina que o sangue de animais não era mais necessário para a remissão e perdão definitivo dos pecados da humanidade [cite: 1]. Contudo, a função do Sumo Sacerdote de entrar anualmente no Lugar Santíssimo no dia fixado de Yom Kippur continua a ser executada no plano celestial por Yeshua. Como a Torá é perpétua e inalterável, o ciclo litúrgico do Yom Kippur exige a apresentação da intercessão expiatória pelo Kohen HaGadol celestial em favor dos escolhidos que guardam os mandamentos de Elohim [cite: 1].

Se a necessidade da mediação sumosacerdotal de Yom Kippur tivesse deixado de existir, a observância deste santo dia perderia completamente o seu fundamento espiritual na vida de Israel. Sem a expiação anual (Kaparrah), o crente estaria privado do ciclo de restauração e perdão formal estabelecido na Torá para purificação das falhas cometidas durante o ano. A tentativa de abolir Yom Kippur sob o pretexto de uma graça desconectada da lei destrói a ordem das santas convocações do Calendário Solar Zadokita. A Kaparah continua sendo aplicada especificamente no dia 10 do sétimo mês (Tishri/Etanim) para aqueles que se afligem e buscam a santificação sincera [cite: 1].

Esta realidade é reforçada pelas cartas dirigidas às sete congregações da Ásia Menor no Livro de Apocalipse, onde se menção os dez dias de tribulação e prova. Esses dez dias correspondem exegeticamente ao período dos "Dez Dias de Arrependimento" (Aseret Yemei Teshuva) ou dias de Selichot que antecedem o dia solene de Yom Kippur. A exortação do Messias para que os crentes sejam fiéis até a morte e façam Teshuva durante esse intervalo reflete diretamente o tribunal de julgamento anual do Dia da Expição. A congregação dos santos passa pelo escrutínio do Juiz Supremo antes que a selagem final seja efetuada no grande dia da Kaparah [cite: 1].

Portanto, o sacerdócio de Yeshua no santuário celestial cumpre com absoluta exatidão o tipo e a sombra prescritos no código de Levítico e Jubileus [cite: 1]. A lei do Sumo Sacerdote não foi abolida, mas transposta para uma dimensão incorruptível e eterna onde o Messias intercede por Israel [cite: 1]. A observância contínua de Yom Kippur é o testemunho visível da nossa submissão à Torá perpétua de YHWH e ao ministério de Yeshua. A congregação dos remidos aguarda com temor e alegria a grande redenção final quando o nosso Kohen HaGadol celestial se manifestará em glória consumada [cite: 1].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA HEBRAICA (TANAKH).** *Torá, Nevi'im u-Ketuvim*. Texto Massorético e Tradução Interlinear Hebraico-Português. [cite: 1]
- MANUSCRITOS DO MAR MORTO (QUMRAN).** Documentos Calendáricos e Litúrgicos do Templo: *11QT (Rolo do Templo)*, *4Q319–4Q325 (Otot)* e *4Q394 (MMT)*. Edição de Florentino García Martínez. [cite: 1]
- LIVRO DOS JUBILEUS (YOVLIM).** Tradução dos textos em Ge'ez e Manuscritos de Qumran (4Q216–4Q224). Capítulos 1, 3, 8, 31 e 32. [cite: 1]
- TESTAMENTOS DOS DOZE PATRIARCAS.** *Testamento de Levi (Capítulos 8 e 9)*. Literatura Apócrifa e Pseudepígrafa do Segundo Templo. [cite: 1]
- KETUVIM NETZARIM (ALIANÇA RENOVADA).** Escritos dos Emissários: *Matityahu (Mateus)*, *Igueret el HaIvrim (Carta aos Hebreus)* e *Hitgalut (Apocalipse de João)*. Manuscritos Peshitta Aramaica e Códices Gregos. [cite: 1]
- VANDERKAM, James C.** *Calendars in the Dead Sea Scrolls: Measuring Time*. London/New York: Routledge, 1998. [cite: 1]
- BEN-DOV, Jonathan.** *Head of All Years: Astronomy and Calendars at Qumran in their Ancient Context*. Leiden: Brill, 2008. [cite: 1]
-

Conclusão do Tratado: A reflexão sobre a Parashá Terumah reafirma o nosso compromisso inabalável com a instrução perpétua de YHWH. Que a restauração do Mishcan no nosso interior nos capacite a viver em constante alinhamento com o Tabernáculo celestial, guardando os Seus mandamentos e mantendo o testemunho puro de Yeshua HaMashiach. Amém.

Moré Azarias Ben Elyahu
Sociedade Israelita das Sendas Antigas - SISAEN